



NARRATIVAS DA CULTURA: DA DIFERENÇA À PERVERSÃO

Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba – E-mail: hermanorg@gmail.com

RESUMO: Nossa pesquisa ergue-se como um fazer que procura examinar, a partir da análise dos valores presentes nas cantigas infantis, os mecanismos de dominação reverberados, à revelia da consciência ou não, pelas vozes ecoantes nas formações discursivas que materializam os textos. Como arcabouço teórico, recorreremos aos constructos metodológicos e analíticos da semiótica das culturas, exclusivamente, os desenvolvidos por PAIS (1991; 1997). Os contornos sociológicos, exigidos pela análise, foram estabelecidos a partir dos estudos de WEBER (2001). A investigação revelou que as cantigas populares trazem à tona valores de um “povo”, cujos princípios morais e humanos se pautam em posições religiosas, econômicas e políticas construídas segundo convicções culturais que impõem segregações de gênero, de modo a hierarquizar homens e mulheres. Como resultado dessas relações complexas, tem-se um sistema de dominação perverso, mas que se apresenta como “necessário”, se visto sob a ótica do equilíbrio das forças dominantes

Palavras-chave: Gênero – Poder – Cultura Popular

1. História e Subjetivação

Ao inserir-se numa sociedade, o indivíduo o faz na medida em que ocupa uma posição que o mantém em contato direto com o outro, num movimento paradoxal de aproximação e distanciamento. Esse vínculo define os sujeitos, cujo revestimento sociocultural lhes garante funções específicas e condicionantes de um agir e de um querer. É, obviamente, o reconhecimento dessas atribuições o fator determinante para a formação, fortalecimento e conservação das chamadas células ou papéis institucionais. Cabe a essas esferas estabelecer os mecanismos de dominação necessários à

organização política de grupos e comunidades, em qualquer tempo ou espaço.

As instituições, enquanto veículos propagadores de normas coletivas, responsáveis por reger o comportamento e as crenças dos que dela fazem parte, constroem e consolidam, no decorrer do tempo e em conformidade com o lugar, arquétipos e estereótipos que se revelam, segundo um sistema de crenças, um depósito de respostas indispensáveis aos múltiplos questionamentos e anseios de seus seguidores. Nessa perspectiva, a dominância, mola propulsora da dialética de classes, encontra-se diretamente ligada à organização ideológica das sociedades, isto é, a configuração



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

simbólica do ser social supera a representatividade ontológica do sujeito.

Se as estruturas institucionais determinam e modelam a individualidade do sujeito, o que, por outro lado, legitimaria o poder delas decorrentes? Nas sociedades consideradas politicamente organizadas e ideologicamente civilizadas, cabe ao Estado, enquanto órgão supremo e repressor, cravar um padrão de controle e observância dos regimentos por ele instituídos. Noutros termos, erigi-se uma programação ética e moral, assentada em dogmas arbitrários, cuja constituição e funcionamento preservam e amparam as engrenagens de um sistema de dominação perverso que promove a supremacia de determinados estamentos sociais em detrimento da liberdade de outros. A validação desse sistema recai sobre a ilusão de uma necessidade coletiva de fazer perpetuar uma ordem humana socialmente ideal, mas profundamente opressiva e conspurcável. É um aparato manipulatório regulador do dever, do fazer, do saber e do pensar sociais.

Todavia, as sociedades não são homogêneas, não se reduzem a um denominador político comum. A história é testemunha das várias configurações sociais pelas quais as comunidades e os povos se posicionaram em seus territórios. Muitos agrupamentos se edificam em bases

transcendentais (energias provenientes da natureza, forças divinas ou cosmológicas), outras optam pela racionalização dos instrumentos e “merecimento” do indivíduo. Assim, fica evidente que uma sociedade é um macrouniverso, uma grande arena onde forças coercitivas travam combates visando a uma congruência da essência humana. Nesse jogo, sobressai-se a cultura – campo demarcado pelo agir dos homens que modificam a natureza por meio de suas ações. Estas, passíveis de significação, promovem as diferenças, instituem as oposições comportamentais a partir das quais o universo se dilui: bem e mau, certo e errado, necessário e dispensável, bondade e crueldade, legítimo e injusto, sagrado e laico. São os preceitos culturais, aliados à memória, que determinam, marcam e asseguram as relações do indivíduo com o tempo e o espaço, definindo, por conseguinte, os mecanismos de referência do homem para si mesmo e deste para com os outros. Portanto, a cultura legítima, em conformidade com o Estado ou não, os valores, as crenças, as feições organizacionais de toda e qualquer sociedade, seja ela tradicional, arcaica, moderna ou contemporânea. A negação ou neutralização desses princípios ordenadores significaria a volta ao estágio de natureza, o retorno ao modo de vida adâmico, o regresso ao paraíso



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

edêmico, o que, em termos sócio-históricos, é praticamente impossível.

Os elementos socioculturais que delineiam os mecanismos de dominação, em determinado universo semiótico e/ou semiológico, só podem ser vislumbrados por meio do exame e compreensão do funcionamento da estrutura institucional fundante de toda e qualquer sociedade, qual seja *a linguagem*. Além de ser a primeira instituição inscrita na biografia do indivíduo, é aquela que organiza as realidades mais abstratas, extensas e alegóricas. Evidentemente, como cada sociedade possui formas específicas de produção e reelaboração simbólica de suas relações sociais, há uma variedade de signos, códigos, imagens, em suma, textos com configurações enunciativas distintas capazes de reverberar ou fazerem efluir as visões de mundo de seus produtores. A análise do instrumental significativo de um texto permite uma percepção cautelosa e profunda da exterioridade discursiva que corporifica os conceitos, dispersando, sobre a materialidade sígnica, os sentidos.

Nosso estudo pretende percorrer o terreno fecundo e oblíquo das cantigas tradicionais, buscando extrair, da tessitura textual, as insígnias e os vestígios constituintes dos dizeres que manifestam e, por vezes, mascaram os ditos, as intenções, as

ideologias, ou seja, o aparato axiológico suscetível de evidenciar o teor das relações de poder por meio das quais os sujeitos entram em conflito, se identificam e se constroem. Compreender a dinâmica de tais vínculos, num *corpus* como as compilações populares, implica a decifração dos mecanismos de dominação característicos das comunidades consideradas “subalternas”.

Para demarcar as linhas, os caminhos desse trajeto, recorreremos ao arcabouço teórico-metodológico da semiótica das culturas, especialmente os trabalhos desenvolvidos por PAIS. São estudos que se voltam para a percepção analítica dos fenômenos culturais, numa perspectiva que situa o fazer do homem dentro das esferas identitárias da sociedade à qual pertence. O enquadramento do *eu* em zonas de reconhecimento coletivo permite distinguir os níveis relacionais e referenciais que entram na constituição do *ethos* social e na formação da própria consciência, a de si e a do outro.

Erguendo-se como uma pesquisa de bases sociológicas, fez-se necessário, também, a incorporação de diretrizes teóricas que abarcassem, nesse viés, o fenômeno das relações de poder ou de dominação. Deste modo, debruçamo-nos nos trabalhos produzidos por Weber. O teórico nos traz uma perspectiva de estudo sobre os procedimentos de dominação legítima condizentes com nossa

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



proposta de análise. Enfoca três tipos fundamentais de soberania: a de base legal, a de amparo tradicional e a de natureza carismática. A primeira centra-se num jogo de interesses racionais, geralmente à custa da verdade, onde a obtenção de vantagens ou desvantagens, por parte do subordinado, depende de sua destreza em movimentar as peças desse sistema. É um agir *sobre o outro* que se assenta em princípios legais, estatuídos por órgãos repressores. Quando o ato de obediência recai sobre a tentativa de manutenção de uma ordem proveniente da efetivação de dadas estruturas institucionais ou papéis sociais, histórica e culturalmente instituídos, desencadeia um fazer dominante caracterizado pela *tradicionalidade*. A última modalidade de dominação corresponde àquela que se assenta na inclinação afetiva do dominado. Este é condicionado pela crença na superioridade, no carisma emanado da figura do eleito, do escolhido. Em todos os casos, a tentativa de submeter o outro se define como possibilidade, ou melhor, ação de instruir, doutrinar uma obediência, consciente ou não, em favor da propagação e conservação de uma ordem.

2. Gênero e dominação

O cancionero infantil abarca uma coleção, um compêndio de canções, tradicionalmente produzidas ou restauradas,

que se integram à memória coletiva das comunidades ou povos que delas fazem uso, influenciando diretamente na construção de sua identidade cultural. Trazem em seu bojo configurações discursivas passíveis de serem restituídas em seus aspectos sócio-históricos. Cumpre lembrar que são compilações sincréticas, isto é, o canto desenvolve-se paralelamente a dramatizações e gestos. Tais performances, muitas vezes, são as responsáveis por trazerem à tona as significações que se camuflam na concretude textual. São movimentos corporais, inocentemente executados por crianças, mas que remetem geralmente à exclusão, à submissão, à sensualidade.

Na cantiga intitulada *Terezinha de Jesus*, depreendem-se formações ideológicas que trazem à tona elementos caracterizadores de um sistema de dominação genuinamente patriarcal. A peça centra-se no comportamento frágil e aparentemente inocente de uma personagem feminina, a Terezinha de Jesus. Vítima de uma queda, fica ao chão e é logo abordada por três cavalheiros que procuram imediatamente socorrê-la, erguê-la. A debilidade da moça revela sua obediência perante o domínio masculino. Ela é incapaz, ou assim se apresenta, de levantar-se por intermédio de suas próprias forças, deixando-se sucumbir à



ação, ao gesto de um homem em prol de sua elevação. Observemos o seguinte excerto:

Terezinha de Jesus

Deu uma queda foi ao chão

Acudiram três cavalheiros

Todos três chapéu na mão

O tombo, associado à figura feminina, representa, numa leitura mais profunda, uma alegoria da inferioridade e subserviência da mulher, num universo onde o olhar repressivo e mutilador do homem a envolve. O esquema performático que acompanha a melodia reforça tal inferência. As crianças, de mãos dadas, se movimentam em círculo numa típica brincadeira de roda. Elege-se uma menina para ocupar o centro e representar a protagonista da canção. Aqueles que a rodeiam se instituem, obviamente, como entes da classe masculina e passam a contorná-la, cercá-la, aprisioná-la. O ato de retirar o chapéu e pô-lo nas mãos não denota apenas um gesto de cortesia por parte dos “gentis” cavalheiros, mas corresponde a um gesto de avaliação, de aceitação. Eles a reconhecem como merecedora de ajuda e, por conseguinte, habilitada a escolher um pretendente que tornará possível sua ascensão. Para tanto, os cortesões cavalheiros precisam levantá-la e inseri-la no círculo, ou seja, na sociedade.

O auxílio dirigido à Terezinha obedece a uma configuração hierárquica conservadora, construída a partir de interditos e aprovações sociais que deixam entrever o funcionamento de um sistema de dominação familiar calcado na superioridade do homem. O primeiro a prestar-lhe ajuda é o pai, responsável direto por salvaguardar a integridade moral da filha, cujo desvio de conduta sinalizaria a corrupção de toda a linhagem. Recupera-se, aí, um arquétipo feminino, lapidado no calor dos preceitos machistas, segundo o qual a índole da mulher está intimamente subordinada à preservação da castidade, à discrição dos gestos e à obediência ao homem. Infringir tal ordem implica uma devassidão ética que a tornaria indigna de pertencer ou fazer parte de uma célula institucional regida pelas leis da honestidade e do pudor.

Depois que recebe a anuência da figura paterna, outra autorização lhe é encaminhada, a do irmão. Este representa a perpetuação do “nome”, a solidificação do legado, a continuação da família. Sua função em relação à Terezinha revela-se, então, análoga ao do pai. Ambos participam do “cerco” numa postura de desvelo para com o *ser feminino*, em proveito da aceitabilidade e reconhecimento do terceiro candidato que, validando as atribuições honrosas da moça, lhe tomará como esposa. O percurso traçado



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pelo fazer do homem pressupõe o caminho a ser percorrido por qualquer mulher dentro da configuração social em questão: primeiramente dependência ao pai, em seguida ao irmão e, por fim, servilidade ao marido:

O primeiro foi seu pai

O segundo seu irmão

O terceiro foi aquele

Que Tereza deu a mão

O último verso da estrofe acima encerra um dado que merece atenção: a mudança de nomeação que recai sobre a personagem principal. Inicialmente, é caracterizada pela alcunha *Terezinha de Jesus*. O elemento mórfico *inha* agrega ao lexema *Tereza* semas relacionados à jovialidade, à infantilidade, à bondade, os quais ajudam a compor a imagem de um ser ingênuo e puro. Para reforçar essa idealização do plano físico, acrescenta-se a expressão, de valor adjetival, *de Jesus*, cuja carga semântica remete à posse. É possível inferir, a partir disso, que a jovem donzela encontra-se sob o jugo de uma entidade divina culturalmente apreciável, o que demonstra seu apego à religiosidade. É uma mulher ideal: obediente a Jesus; portanto, servil ao homem. Este, ao responder satisfatoriamente ao gesto de doação, de entrega de sua mão, numa

referência emblemática ao casamento, desencadeia um fazer transformador capaz de torná-la mulher. Chamá-la, nesse momento, de *Terezinha* já não condiz com a nova atribuição que lhe é imposta. Com isso, a denominação de *Tereza* mostra-se mais adequada.

Sob essa ótica, o casamento aparece como o único mecanismo suscetível de oferecer à mulher um espaço de visibilidade na sociedade. É através dele que a religião institui as bases para o engendramento da célula familiar, legitimando ideologicamente a superioridade do homem e a conseqüente fraqueza física e moral do eu feminino. Na cantiga, não provém do cavalheiro a iniciativa de estabelecer, com Terezinha, um vínculo matrimonial. Tal atitude parte daquela que, ao *estender a mão*, num movimento de total oferecimento do corpo, visa unir-se a um homem, entregando-lhe, servilmente, o coração:

Terezinha levantou-se

Estendeu a sua mão

Para aquele cavalheiro

A quem deu seu coração

Efetivada a conquista e definidas as posições, passa-se à caracterização da relação amorosa a partir da qual o processo dominatório desenvolve-se e legitima-se.

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Recorre-se a um processo analógico que coloca a mulher, no caso Terezinha de Jesus, em confronto alegórico com as propriedades das frutas, mais especificamente, da laranja e do limão. A primeira detém o aspecto atraente, o sabor delicado, o líquido abundante, características que a associam ao erotismo. Segundo tradições que remontam à Antiguidade, a laranja era tida como símbolo da fecundidade, do desequilíbrio entre o espírito e a libido, capaz de levar os amantes à revelação e à sublimação do ato sexual. Recuperando o texto, percebe-se que a recorrência a tal fruto pode estar relacionada ao desejo do homem em ter, sexualmente, a mulher, o que nos revelaria a gênese de um ritual de acasalamento no qual o homem é responsável por determinar as regras. O limão, pela intensidade da acidez, do azedume, remete à simbologia da entrega uma vez que evidenciaria o caráter picante da relação sexual. Observemos o fragmento:

*Tanta laranja madura
Tanto limão pelo chão
Tanta mocinha bonita
Tanto rapaz bestalhão*

Podemos perceber, na estrofe acima, que *o limão*, enquanto representação da entrega corporal, confunde-se, espacialmente, com a tão bela e desejada Terezinha. Ambos

encontram-se caídos no chão, ou seja, à disposição de um *rapaz bestalhão* que se sinta envolvido e atraído pelas qualidades e atributos do fruto (mulher/limão). Poderíamos pensar, numa visão estritamente semântica, que o adjetivo *bestalhão* compromete a proeminência masculina visto que o termo qualifica o homem como um tolo, um parvo. Todavia, a tolice encontra-se subordinada à posse do ser feminino. Se há uma manobra da mulher em seduzir o cavalheiro no intuito de que este a tome em matrimônio, retirando-a do local (o chão) desfavorável onde se encontra, o resultado não é sua autonomia ou liberdade, mas a dependência e sujeição a ele.

A maneira como o homem pretende se alimentar das *deleitosas* frutas evidencia a fragmentação do corpo feminino. É ele que, numa voz imperativa, materializa o desejo em destituir a laranja de sua forma e, com isso, usufruir de um de seus *bagos*. Já do limão, retira-lhe um pedaço, gesto que denota uma certa agressão à estrutura do fruto. A fragilidade do *bago* converge para o aprisionamento do abraço, assim como a mutilação do pedaço alia-se à sujeição do beijo. Em outras palavras, constrói-se uma configuração hierárquica na qual as relações entre os sexos se sustentam numa tensão entre entes considerados inferiores e superiores. Ou seja, a mulher é a vítima, o animal a ser capturado; e o homem, por sua vez, assume o



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

papel de algoz, de caçador. Constatemos no trecho abaixo:

*Da laranja quero um bago
Do limão quero um pedaço
Da menina mais bonita
Quero um beijo e um abraço*

REFERÊNCIAS

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

PAIS, Cidmar Teodoro. Texto, Discurso e Universo de Discurso. In: **Revista Brasileira de Lingüística – SBPL**, nº 1, v.8. São Paulo: Plêiade, 1995.

PAIS, Cidmar Teodoro. Lazer, trabalho, afeto, paixões e valores na cultura e na sociedade brasileiras: ensaio em semiótica das culturas. In: **Revista Brasileira de Lingüística – SBPL**, v.10. São Paulo: Plêiade, 1999.

PAIS, Cidmar Teodoro. Conceptualização, denominação, designação: relações. In: **Revista Brasileira de Lingüística – SBPL**, v.09. São Paulo: Plêiade, 1997.

PAIS, Cidmar Teodoro. Contribution a une analyse sócio-sémiotique du processus culturel: lexique, métatermes, modalités. In: **Acta Semiótica et Lingvistica**. Vol. 06. São Paulo: Plêiade, 1997.

PAIS, Cidmar Teodoro. Sociossemiótica, Semiótica das culturas e processo histórico: liberdade, civilização e desenvolvimento. In: **Anais do V Encontro da Anpoll**. Porto Alegre: Anpoll, 1991.

Weber, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.